

## **A PEDAGOGIA DE OYÁ: MULHERES NEGRAS E DESCONSTRUÇÃO DA ESTÉTICA DAS COLONIALIDADES NO CURRÍCULO E ENSINO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL.<sup>1</sup>**

Amine J. Fernandes Meira- Relações Públicas e Mestra em Educação- Universidades Estadual de Feira de Santana- UEFS<sup>2</sup>

Co-Autor: Professor Doutor Eduardo Oliveira Miranda- Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Essa escrita trata dos atravessamentos do corpo-território de mulheres negras estudantes de comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, e como as colonialidades do ser, saber, poder e de gênero reverberam na sua formação e como a decolonialidade afro-brasileira como tecnologia para reverter epistemicídios e reconhecimento e pertencimento negro estabelecendo saberes contra-hegemônicos e possibilidades de resistências ativas dentro das epistemologias inseridas nas áreas de conhecimento da Educação e Comunicação, na perspectiva de descolonizar currículos e cânones eurocentrados.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Corpo-território; decolonialidade afro-brasileira; comunicação; colonialidades, pedagogia de Oyá.

É pela perspectiva da Decolonialidade Afro-brasileira que estabeleço a base para essa escrita de exaltação a diferença, o conhecimento outro que sofreu apagamento, que não se encaixa no padrão universal, estabelecido pela modernidade branca, cisgênero e patriarcal. Evidencio e articulo como referência a decolonialidade afro-brasileira, que contraria a universalização das epistemes eurocêntricas. Como explica Miranda (2022) é através deste arcabouço, que formamos a estratégia para estarmos no mundo e de maneira contrária e diferente ao imposto pelas colonialidades.

Logo, meu corpo-território, marcado pelas colonialidade, é provocado e utilizando como pano de fundo o enegrecimento da universidade pública e a necessidade de romper com as formas de colonialidades na educação, realizo giro decolonial, voltando-me às epistemologias do sul e a Decolonialidade Afro-Brasileira, como guia de localização na feitura de pesquisa em Educação, que busca abordar os aspectos da formação em Comunicação Social a partir de uma cosmopercepção não hegemônica.

Através de uma epistemologia afro-brasileira, que pulsa segundo Narcimária Patrocínio Luz (2013), nas territorialidades negras, nas suas células comunitárias, e que contemporaneamente entra na Universidade através de gerações de afrodescendente,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Relações Públicas e Mestre em Educação pela UEFS, email: [aminefernandes@gmail.com](mailto:aminefernandes@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Doutor da UEFSemail: [eduardomiranda48@gmail.com](mailto:eduardomiranda48@gmail.com)

problematizo de que forma corpos-territórios de mulheres negras no campo da comunicação podem decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada em sua formação.

A Comunicação Social como área de conhecimento e tudo que abarca o seu ensino tem em seu cerne as marcas das colonialidades (Torrice, 2019). As Colonialidades que marcam e atravessam corpos subalternizados são entendidas aqui como um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista, e se fundamenta na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder

Considerando a constituição da Comunicação Social como área de Conhecimento depara-se com os contrastes evidentes vivenciados por corpos-territórios subalternizados que estudam, se especializam e reproduzem esse conhecimento na vida profissional, mesmo sofrendo com as implicações das colonialidades. Um corpo-território que já foi transpassado pelo racismo e sexismo encontra na formação em comunicação mecanismos de racismo epistêmico, estruturas dentro da universidade que foram projetadas para e pela branquitude para manter estruturas sociais opressoras e desiguais.

Diante desse contexto envolto pelas opressões das colonialidades, faz-se necessário Decolonizar o Currículo! Ao pensar em Educação Decolonial é preciso desaprender os colonialismos, na comunicação social. Por meio da Decolonialidade Afro-brasileira traço os caminhos para educação, que privilegia o conhecimento que foi alijado pelo processo colonial. Os saberes outros, desde África, baseada na tecnologia Yorubá, que confrontam o saber e poder universalizante estabelecido pela Modernidade. Contrariando as epistemes eurocêntricas e subvertendo a ordem do epistemicídio, que como explica Carneiro (2005), se trata da anulação e descrédito dos saberes dos povos colonizados, subalternizando não só em suas existências, mas a construção de suas tecnologias, taxadas de primitivas, que leva a inferiorização intelectual. Exalto a tecnologia fundamentada na decolonialidade para problematizar as estruturas do Currículo, especificamente, a composição curricular do Curso de Comunicação Social da UFRB.

Ao ser necessário decolonizar o currículo é preciso estender a percepção do outro a extensão de sua existência, que está presente em sua comunidade, nas ruas, nas praças, nos terreiros, no movimento cultural, nas crenças, nos valores, no axé, a força vital que lhe move, no que constitui seu corpo-território. Quando pesquisamos com mulheres negras estudantes do curso de Comunicação Social, acionamos o seu corpo-território em pesquisa nos parâmetros da Decolonialidade Afro-brasileira. Apontamos para seus corpos-territórios em totalidade, para seu mundo sensível, seus espaços, seus saberes, a extensão de suas crenças, afetos, e as complexidades de suas existências para dimensionar e reformular currículo.

Trago um entendimento que se faz necessário ir ao encontro de outras elaborações pedagógicas e tecnológicas que desarticulam a antiga lógica curricular. Deste modo, insisto em cartografar as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de discentes do Curso de Comunicação Social da UFRB, para se problematizar o currículo quanto às necessidades dos corpos-territórios de mulheres negras, suas urgências frente às implicações das colonialidades e os desaprendizados que atravessam e acionam seus corpos-territórios,

Ao observar a estrutura do Currículo dos cursos de Comunicação da UFRB- Jornalismo e Publicidade e Propaganda, percebe-se que não existe de forma explícita nenhum componente que evidencie tratar as relações étnico-raciais ou o que preconize as Leis 10.639/03 e 11.645/08. O que não implica que os docentes, não possam ter introduzido leituras ou direcionado conteúdos que trate do assunto, pois o currículo em sua fluidez

agrega esse diálogo com a sala de aula. Entendo que currículo é fluido e dinâmico em cada momento de refazendo em sala de aula, implicando em um jogo alunos e professores e a realidade externa constantemente.

Entretanto, o que se pode verificar que no projeto pedagógico é que não há nenhum indicativo que deixe evidente epistemologias negras ou diálogos com autores negros. O que me leva a pensar que há um apagamento ou silenciamento de conteúdos que contém mídias e relações étnico-raciais, feminismo negro. Enfim, outras formas de escrita, em que a teoria da comunicação e as relações de mercado/marketing seja analisada a partir de um debate racial.

A Comunicação Social teve sua origem em um modelo mercadológico de tecnologia positiva-funcionalista, o seu arcabouço canônico é aplicado nos processos de comunicação, como também, estão presentes no currículo e são reproduzidos nas Universidades, nos cursos de Comunicação Social em diversos âmbitos. Nessa perspectiva, busco tensionar as bases de uma formação essencialmente forjada nas colonialidades imbricadas nas articulações do Mercado para decolonizar o currículo em seu formato instrumental funcionalista, preconizando, assim, o princípio cosmológico de Oyá.

A pedagogia de Oyá

É partir da compreensão da pedagogia de Oyá, Yansã, para se articular a construção ou desconstrução do currículo do curso de Comunicação Social da UFRB, com enfoque nos corpos-território de mulheres negras. Eis as aspirações para uma pedagogia insurgente, desobediente, feminista, decolonial.

Em relâmpagos, trovejos, articulo a Pedagogia de Iansã que pretende intimidar os cânones em que se assenta o currículo e educação de corpo-territórios de mulheres negras no campo da comunicação, fundamentada na desobediência ao poder constituído e o autorrespeito, Inspirada no Itan que nos conta que Oyá usurpou o poder de cuspir fogo de Xangô, (Prandi 2001), nos informando que essa capacidade não é mais propriedade do patriarcado ou do monismo epistêmicos. Oyá insurge tomando para si a capacidade de também construir sua epistemologia, sua força.

Afirmando o marco civilizatório de Iansã vou ventilando desobediência epistêmica e os desaprendizados necessários para tensionar o conhecimento euro-americano imperialista. De acordo com Luz, “a epistemologia africano-brasileira nos fortalece para não sucumbir face às imposições espaço-temporais da onipotência narcísica universitária” (2013, p.180). O ensinamento de Iansã ao usurpar o poder para si, insta sobre o enfrentamento, sobre a não intimidação frente ao pacto narcísico existente dentro da academia, da manutenção de cânones eurocêntricos, dos privilégios da branquitude e preservação de estruturas desiguais.

Africanizar a Universidade em face de Oyá é lançar fogo sobre o rigor científico que nega a alteridade na construção de saber acadêmico e incendiar os cânones eurocêntricos, que formatam o currículo baseado em vieses mercadológicos na educação de mulheres negras do campo da comunicação. Através do princípio civilizatório de Iansã vamos em raios e trovões energizar e decolonizar a instrumentalização de um currículo funcionalista, pois de acordo com Sodré, “descolonizar o processo educacional significa liberá-lo, ou emancipa-lo, do monismo ocidentalista que reduz todas as possibilidades de saber e de enunciação da verdade” (2012, p.19).

O princípio Cosmológico de Oyá nos conta de uma tecnologia que carrega uma força primordialmente feminina, poderosa e destrutiva de enfrentamento, de mudança. Força fundamentada nos ventos, tempestades, no fogo, raio e trovão. É o fundamento que destrói

---

para que sejam construídas outras possibilidades. É o fogo que incendeia o campo para que rebrote a vida.

Os mecanismos das colonialidades, são em essência, opressivos e anestésicos, para que os corpos sejam submetidos e docilizados frente a estruturas de poder. Oyá nos leva em seu primado a movimentar os corpos em suas ventanias, transforma o corpo em búfalo, potencializando, assim, a sua energia, seu poder, tornando-o vigoroso e destruidor. Oyá dá coragem.

Em outra perspectiva Oyá tem a capacidade de se transformar, tanto em búfalo como em borboleta. Ela nos ensina a perspicácia de transferir-se estrategicamente e, assim, utilizar outro polo da força, que vem da suavidade, da transição entre o tornado e a leve brisa. A força também está no sensível e ela não é menos eficaz que a força bruta. Está na pedagogia de Iansã o que tange o sensível, da sensibilização à alteridade, as crenças, cultura, saberes do outro, da expansão da aceitação e abertura para outras possibilidades de vivências e epistemologias. Sodré chama de paradigma do sensível, o “[...] que traduz um novo olhar para o mundo e um novo modo de sentir o comum ou a existência, entendida como uma dimensão que transcende a presença pura e simples dos entes e das coisas no mundo” (2012, p.185).

Oyá é um princípio que se relaciona com todas as forças da natureza, ela perpassa com o ar, como vento. Aqui ela nos ensina a aprender com o diferente, com diversas territorialidades, elementos, a interculturalidade, a interrelacionar-se e capacitar-se. Iansã é uma guerreira completa, pois possui todos atributos e aprimoramentos capazes de torná-la invencível.

O corpo-território que dentro da estrutura acadêmica, de casa grande é atravessado pelos normas e ritos repletos das colonialidades do saber e do poder, em um curso voltado e criado para o mercado, em que a base curricular está engessada em padrões eurocentrados, neoliberais que reverberam na forma como o corpo-território se posiciona no mundo.

O poder é exercido pelo currículo, pela formação, pela escolha do que vai ser sua referência, as vozes, os padrões impostos, as verdades que não vão ser questionadas, os fundamentos que lhe servirão de trilha na caminhada profissional, no seu corpo-território e na percepção do mundo.

Para insurgir e enfrentar as colonialidades de gênero, poder, ser e saber é necessário a afirmação do corpo-território. Urge o rompimento com o silêncio a partir de nossas histórias trazidas para as práticas acadêmicas/currículos, pois dentro do nosso curso os conhecimentos que foram alijados com a colonização, a nossa cultura, aparato tecnológico ancestral e a nossa própria vivência continuam a ser silenciada. Logo, precisamos ser os corpos e vozes das nossas próprias histórias, racializando as agendas, questionando os cânones e conceitos universalizantes, especialmente para mulheres negras.

Entendo, assim, que as colonialidades dentro da academia reverbera em abordagens racistas que organizam as relações dentro dos cursos universitários, aqui específico, os cursos de Comunicação Social da UFRB atingem diretamente a autoestima dos corpos de mulheres negras e repercute na permanência e no aprendizado das alunas, tal qual atingem a sua dignidade, existência e direito a alteridade do saber.

É sobre denegrir, através da decolonialidade Afro-Brasileira, da Pedagogia insurgente para se romper com o pacto narcisístico da branquitude, ir de encontro ao silenciamento e apagamento, consequência do mito da democracia racial dentro da Universidade.

Aqui propus esse movimento no campo político/epistemológico a partir da decolonização e os seus intentos, construindo, deste modo, movimentos como a Pedagogia de Oyá, para

romper e tensionar as colonialidades presentes na curricular e pedagógica do campo da comunicação social.

Assim, urge outra abordagem dentro das áreas de conhecimentos, especialmente as alicerçadas em cânones do eurocentrismo, marcados pelos caprichos do Mercado e do capitalismo como a Comunicação Social, tanto na formação quanto no forjamento de profissionais. Observo, que denegrir vai além da representatividade do quadro de apresentadores ou de destaques na mídia, denegrir é ir á fundo na produção de racismos, na feitura dos profissionais, do conhecimento, dos cânones e do SABER.

Para não encerrar e propagar ventos decoloniais, aponto a pedagogia de Oyá, que incinera, queima o chão para que rebrotem, para que ressurgam novas possibilidades epistemológicas denegridas, em que mulheres e corpos-territórios outros sejam evidenciados em suas subjetividades e sensibilidades dentro do campo da Educação e da Comunicação.

Que novos lampejos da decolonialidade afro-brasileira, nas vivências acadêmicas e experiências da vida, em que o Axé possa propagar rumos que subvertem a lógica perversa do racismo e do epistemicídio, especialmente na academia. Que sejam refeitas as paredes da Casa-Grande das Universidades, e que o pacto narcisíco da branquitude brasileira sejam cegados pelos relâmpagos!

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Rev. Bras. Ciênc. Polít. Ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 01- 30.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese- Programa de pós-Graduação em educação, Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli e CURY, Cristiane Abdon. **O poder feminino no culto aos orixás**. In: Mulher Negra. Caderno IV. Edição comemorativa Instituto Geledés da mulher negra, São Paulo: Instituto Geledés, 1993, 19-35.

CARNEIRO, Sueli. **Racismos, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo. Selo Negro, 2011

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade**. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2013

---

HOOKS, bell. **Erguer a voz. pensar como feminista, pensar como negra.** São Paulo Elefante, 2019

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **É preciso africanizar a universidade.** IN: MENEZES, J. M.F; SANTANA, E. C.; AQUINO, M.S. **Educação, região e territórios: formos de inclusão e exclusão.** Salvador: Edefba, 2013.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Decolonização e Educação: diálogos e proposições metodológicas.** Ed. CVR, Curitiba, 2013

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & Educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: UFBA 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Epistemologias dos Odus e Decolonialidade Afro-brasileira.** Revista estudos Literários, UFRJ, Vol. 04, nº 11, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, decolonização e redes.** Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô.** Petrópolis. Ed. Vozes. 2017.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira.** Rio de Janeiro. Ed Mauad. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do Comum: Notas para o método comunicacional.** 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2019.

TORRICO, Erick. **Para uma comunicação ex-centrica.** Revista USP, Vol 1, nº 3. La Paz, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/159957%20do%20artigo-386633-2-10-20191228.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

TORRICO, E. **Comunicação organizacional e decolonialidade: desafios para uma intersecção viável.** Organicom, [S. l.], v. 18, n. 37, p. 14-22, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.190356. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/190356>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.